

I

Adolescência e violência: a psicanálise na prática social

David Léo Levisky

Este projeto foi iniciado em 1994, culminando em 97 com a publicação do livro *Adolescência e Violência: Conseqüências da Realidade Brasileira* (Levisky, 1997a).

Damos continuidade a esta iniciativa, abordando o binômio adolescência e violência a partir da apreensão psicanalítica destes fenômenos e seus desdobramentos na prática social. São trabalhos oriundos da experiência clínica de psicanalistas, em sua maioria, cuja intenção é estimular o leitor à reflexão e ao debate de medidas preventivas em relação ao adolescente e à sociedade, no sentido de serem alcançados estados mais adequados de saúde física e mental.

A violência está presente em nossa sociedade, neste fim de século, nas ruas, dentro das casas, nas escolas, empresas, instituições, nos meios de comunicação. Crimes hediondos cada vez mais freqüentes e outras formas mais tênues de violência, como a falta de cidadania, perda da solidariedade, desvalorizam o próximo sem que se dê conta de que se está menosprezando a si mesmo. Esse fato pode ser constatado através do uso abusivo feito por agentes inescrupulosos dos meios de comunicação de massa que banalizam a vida, o sexo, a violência, as relações afetivas. Exploram a privacidade, a desgraça alheia, visando apenas interesses próprios.

Agentes instigadores da violência e a grande população receptora, integrantes de um mesmo conjunto, não expressam nem demonstram uma preocupação efetiva em relação ao impacto psicossocial causado pelas pressões intensas a que o homem da pós-modernidade está sendo submetido.

Quando pensamos nas crianças e jovens em pleno processo de formação de sua identidade, incorporando valores éticos e morais, nos perguntamos, que sociedade estamos oferecendo a eles, quando nós mesmos nos encontramos em dificuldade de posicionamento quanto aos nossos papéis de pais e de cidadãos?

O mais provável é que não haja uma resposta unívoca e uníssona para estas questões. Estamos gerando um mundo dialético cuja complexidade social se apóia numa racionalidade que se tornou mito e esperança de liberdade para finalmente se converter em franca zombaria das massas, diante das perspectivas irreversíveis de globalização da sociedade.

A pós-modernidade é fruto de um processo socioeconômico-político-cultural que se tem caracterizado pela individualidade, racionalismo e universalidade. São conseqüentes aos avanços tecnológicos, à busca de igualdades, de quebras de fronteiras, que desmistificaram os mitos, as religiões e o coletivo (Rouanet, 1997).

O Homem de hoje está mais liberto. Conquistou maior igualdade de direitos, individualidade e emancipação. Por outro lado, estas conquistas o estão conduzindo à formação de grupos específicos e corporativos, fragmentando a sociedade maior e a cultura. Estas são insuficientes para dar conta do conjunto de transformações e necessidades impostas pelos atuais processos de desenvolvimento. A estabilidade necessária para que se encontrem meios de convivência social que regem o bem-estar comum está ameaçada. Esta estabilidade é garantida pelos valores éticos e morais, ancorados no processo histórico e de preservação da memória.

A dialética se expressa na conquista da individualidade cada vez mais globalizada abrindo caminhos tanto para a introspecção, a reflexão, a expressão, a criatividade humana, a eficiência quanto para a racionalização. Concomitantemente, favorece a ação intempestiva, a concretude, o imediatismo, o “presenteísmo”, o narcisismo, o ócio, a irracionalidade e a inconseqüência.

A expansividade do Homem quanto às suas possibilidades de conquista e de poder são de tal monta que geram maior clima de tensão, insegurança e descompromisso com o porvir. Corre-se o risco de se cair num estado de indiferença e passividade, ou o contrário, de atuações impulsivas e impensadas cuja função é descarregar o nível de tensão na busca de equilíbrio interno. As intensas necessidades adaptativas e de descargas de tensão produzem frustrações e mecanismos defensivos do aparelho psíquico.

Estes estados emocionais podem resultar de sentimentos de impotência, insegurança e ambivalência gerados pelas mudanças rápidas e constantes na sociedade. Criam sentimento de vazio interior, cada vez mais freqüente.

Entre os jovens estes sentimentos se agravam pela própria depressão inerente à “crise normal da adolescência” (Aberastury & Knobel, 1971; Levisky, 1995) tornando-se terreno propício para o uso de drogas, que vai desde a “cervejinha”, abertamente veiculada ao público jovem, com anuência de toda a sociedade, até o consumo de maconha, craque e cocaína, de fácil acesso a todas as camadas sociais.

Há uma ameaça constante de ruptura das relações intra, inter e trans subjetivas. Estas quebras promovem maior incidência de mecanismos psicológicos regressivos, de natureza psicótica, neurótica ou psicopática. Nestes estados mentais há o predomínio do funcionamento de estados mentais primitivos: onipotência, egocentrismo, cisão, negação da realidade, intensas projeções, concretude do pensamento, passagem ao ato, tendências narcísicas. São mecanismos presentes em todos nós, mas que se exacerbam em situações traumáticas ocasionais ou cumulativas. Na adolescência, em função da vulnerabilidade egóica inerente ao processo, a inadequação das condições ambientais amplifica os estados mentais acima descritos. Isso se reflete no seu comportamento, com tendência a se cristalizar como modo de funcionamento mental.

As pressões decorrentes da vida cotidiana na sociedade pós-moderna contribuem para o aumento da incidência de estresse. Cada um que se defenda como pode, lema que rompe o senso comum. É o que se observa em relação aos poderes econômicos que corrompem e a mídia podre, que no seu afã de ganhar não mede a consequência de seus atos. Desrespeitam códigos éticos, negam o impacto psicossocial sobre a formação da juventude e permanecem rindo na impunidade (Editorial “Degradação na TV”, *Folha de S. Paulo*, 29/10/97).

No passado, o jovem índio ao atingir a maturidade sexual, orgulhoso de sua condição, apesar do sofrimento, carregava pesada tora para com isso alcançar o reconhecimento de si próprio e do seu grupo social. Era introduzido e se introduzia na sociedade adulta através dos ritos tradicionais da cultura.

Hoje, o grafiteiro, geralmente adolescente, usa de sua arte e coragem, para subir no último andar de um prédio. Ele transgredir normas de segurança e a lei estabelecida. É a glória do desafio. Faz-se presente ao mundo, que de outra forma o ignora.

Muitos atos de vandalismo, baderna, violência, uso de drogas, rachas de automóvel praticados por adolescentes fazem parte dos rituais de passagem da pós-modernidade. As dificuldades para encontrarem um

trabalho digno e as provas vestibulares são exemplos que complementam este ritual, numa sociedade que privilegia o lucro, o individualismo, a liberalidade, o cinismo em detrimento da qualidade dos valores humanos que deveriam fazer parte do espírito de coletividade e solidariedade.

A capacidade reprodutora hoje está ameaçada pela AIDS, drogas e atividades sexuais alternativas. O conceito de família não é mais o mesmo. Casar e descasar é para muitos jovens um ato como trocar de roupa. Filhos, para que tê-los? Indagações como essa são frequentes. A emoção é vivida em “velocidade máxima”, título de filme, campeão de bilheteria entre os jovens da pós-modernidade. Vive-se no concreto a realização do imaginário. Persiste a busca simbólica do herói, o mito do jovem guerreiro. Mas onde encontrá-lo? Nas grifes da moda? Nas marcas de cigarro que prometem maravilhas? Nos tênis que têm asas nos pés?

Os rituais de passagem da adolescência atual são personalizados, numa sociedade pobre de senso coletivo, apesar da globalização. Na essência os mitos da adolescência são os mesmos em relação àqueles das culturas primitivas. Caracterizam-se pelo desafio, coragem, descoberta dos próprios potenciais físicos e psíquicos.

No passado o jovem estava submisso às leis e ritos impostos e aceitos pelo grupo social. As rebeldias eram vividas nas frentes de batalha, na infantaria composta por jovens destemidos, imberbes muitas vezes, sacrificados pelos adultos e que com orgulho morriam em nome da pátria amada.

Hoje se matam no asfalto e se inebriam no perfume da droga que corre pelas suas veias, patrocinados pelos adultos que os seduzem a ir para a frente de batalha em algum ponto de crack ou numa favela da vida ou diante da TV ou videogames.

O adolescente de nossos dias vive sua rebeldia como membro atuante e transformador da sociedade, porém altamente sugestível pela força dos meios formadores de opinião pública. O grande representante é a mídia, sustentada por interesses da economia de mercado, onde minorias poderosas buscam, muitas vezes, satisfazer apenas seus próprios interesses, levando o jovem ao engodo da conquista, do prazer imediato e de um estado aparente de plenitude e independência. Emissoras de TV comercial em nosso meio têm sido um exemplo de desvio na qualidade, do material que veiculam revelando falta de compromissos quanto aos impactos psicossociais que acarretam. Enquanto isso, a sociedade complacente a assiste comodamente de suas poltronas.

Vigor, sexualidade, potência, destemor, violência, impulsividade, prepotência, desafio são qualidades psicossociais do adolescente do presente e do passado. São inerentes ao complexo processo de perdas, de desinvestimentos e novos investimentos em relação ao próprio corpo, à auto-imagem e na relação com os pais da infância. Vive o conflito entre construir e se integrar à nova identidade resultante de experimentos e descobertas de suas potencialidades afetivas, intelectuais, sociais e físicas. Paralelamente, deseja preservar os privilégios da vida infantil.

Há nesse processo uma violência construtiva que abre canais através dos quais o adolescente dá vazão e expressão a sua criatividade e inserção social. Quando a sociedade lhe oferece meios socialmente adequados para suas manifestações de auto-afirmação, o processo, apesar de turbulento, pleno de paixões, edifica a personalidade e a auto-estima.

Porém, numa sociedade vazia de valores, de solidariedade, de espírito de amizade, que fomenta excessos de violência, banaliza o sexo e a agressão, o que podemos esperar de nossos jovens? Que eles retomem a revolução cultural? Quem pratica atos de vandalismo, rachas, pichações, usa drogas, despreza os bens comuns, representa, pelo menos em parte, os instrumentos disponíveis substitutivos das armas de outros tempos. Seria uma tentativa inconsciente de acordar a sociedade para que lhes ofereça melhores perspectivas de vida?

Recentemente “descobriu-se” em nosso meio que a difusão de quadras esportivas ou de escolas de samba são meios de suprir as necessidades amorosas, agressivas e grupais dos jovens, favorecendo o desenvolvimento de critérios éticos, espírito coletivo, amor e solidariedade. Não seria proveitoso se a geração pejorativamente chamada de “shopping center” encontrasse nesses espaços, além de consumo, condições para expor suas habilidades artísticas, praticar a cidadania, a solidariedade, fomentar a cultura e os esportes promotores de gratificações afetivas e até mesmo monetárias? Ironicamente, muitos dos grandes festivais de música jovem ou competições esportivas são patrocinados por marcas de cerveja e de cigarro.

O esmaecimento dos limites, dos valores, dos costumes, da ética e da moral geram confusão, indiferença e sentimentos de impotência prejudicando a estruturação egóica do jovem que necessita da contraposição para alcançar seus próprios valores e construir sua auto-imagem.

Mudou a expressividade das manifestações sociais e afetivas dos jovens, mas não a sua essência. Se a competitividade no passado era

um fator de hegemonia grupal, vivida através de ritos oferecidos pela cultura, pela religião, hoje é uma exigência da sobrevivência individual. O conceito social de coletivo na cultura contemporânea refere-se mais a um conjunto de individualidades autônomas, nem sempre comunicantes entre si, onde o coletivo é secundário aos interesses individuais ou é representativo apenas de parcelas minoritárias que conquistaram maior liberdade e autonomia às custas da fragmentação do grupo maior.

As relações tornaram-se mais livres e espontâneas. Em termos da dialética hegeliana a atual dinâmica psicossocial tende a ser um processo constante e contínuo de movimentos construtivos, destrutivos e reconstrutivos dos valores e condutas sociais. As velocidades e condições desse processo nem sempre são metabolizáveis pela organização do aparelho psíquico, interferindo no equilíbrio de suas funções.

O processo de organização estrutural e dinâmica das funções egóicas e superegóicas e o processo identificatório estão em contato direto com a cultura através das primeiras relações socioafetivas. Estas são oriundas das relações do bebê com seus pais, primeiros representantes da cultura. Graças a esse processo dinâmico, o bebê tem a oportunidade de desenvolver seu mundo subjetivo. Concomitantemente vão se estabelecendo relações intersubjetivas e transubjetivas entre o indivíduo, sua família e a cultura.

Na adolescência os ideais pessoais, sociais, sistemas éticos e morais constituintes do ego e do superego, em níveis consciente e inconsciente da infância, se conflitam com as experiências atuais e reestruturam a identidade em seus múltiplos aspectos. A reedição e reelaboração do complexo edípico definirão o ingresso na vida adulta.

Dentro dessa rede complexa de comunicações observa-se hoje maior liberdade de experimentação e de expressão dos desejos e comportamentos. Porém, há também maiores tensões e ambigüidades promovendo novos movimentos, muitas vezes antagônicos. Estes movimentos podem se polarizar entre criatividade e perplexidade, em face do emaranhado de pulsões emergentes e a complexidade de opções conscientes e inconscientes. Se no passado o homem era dominado pelas religiões, hoje tornou-se escravo da mídia, dos meios de propaganda.

Adorno e Horkheimer (*Folha de S. Paulo*, 24/8/97, Caderno Mais, extraídas do livro *Dialética do esclarecimento* p.114), cinquenta anos atrás, afirmaram que: “O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como

arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos”.

Esses autores indagam “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?”. Sobre esta indagação, Almeida, J. (*Folha de S. Paulo*, Caderno Mais: “Razão desencantada”, 24/8/97, p. 4) conclui que “esta indagação permanecerá atual sempre que houver declarações otimistas afirmando o contrário”....e que Adorno e Horkheimer “procuraram antes encontrar na própria cultura, e no conceito de razão sobre o qual esta se assenta, os fundamentos para sua conversão em barbárie”. É uma crítica proveniente da análise do fracasso da filosofia iluminista.

A filosofia do “tudo vale, tudo pode” vem crescendo, tornando ambíguo o conceito de integração social. Condição altamente frustrante e desencadeadora de raiva, ódio e agressão. O cidadão vive momentos difíceis na discriminação dos limites entre individual e coletivo, público e privado, ético e antiético.

Os jovens normalmente vivem um estado de ambivalência e impulsividade e estão sendo induzidos à confusão e à violência. A percepção entre a satisfação imediata e concreta dos desejos e a satisfação simbólica fica esmaecida, principalmente, pelo que é veiculado pela mídia eletrônica inescrupulosa. As dificuldades existentes no estabelecimento dos contornos geográficos entre os diferentes níveis de subjetividade (intra, inter e transpessoal) geram elevadas doses de angústia, apatia, negação e desesperança, terrenos propícios para as drogas e a violência.

Habsbawn (*Folha de S. Paulo*, 14/8/95,) “Habsbawn fala de seu breve século”) salientou que as características da vida contemporânea ameaçam o sentimento de continuidade. O que vale é o momento. O tempo é fragmentado pela velocidade das transformações. Não há passado nem esperança. O que resta é o vazio.

A Psicanálise, por sua vez, ao buscar compreender a natureza da mente humana apreende através dos sonhos, dos mitos e principalmente da experiência clínica, a dualidade das pulsões: amor-ódio, vida-morte, construção-destruição, racionalidade-irracionalidade, concreto-simbólico, real-imaginário.

Esta é reveladora de que o equilíbrio psíquico decorre de processos complexos entre as várias instâncias psíquicas: consciente-in-

consciente; id, ego e superego. Mecanismos defensivos do ego, diferentes quantidades e qualidades de angústia, relações self-objetos, fantasias, participam de sistemas que possuem dinâmica e economia policêntricas, formando o “sujeito psicanalítico, dialeticamente constituído e descentrado” (Ogden, 1992). Esta organização transcende a dualidade pulsional, sem excluí-la.

As capacidades de representação simbólica, perceptiva e de transformação do pensamento, as funções afetivo-cognitivas trabalham neste processo de desenvolvimento, buscando o equilíbrio e a interação do psicossoma.

O excesso de estímulos e a perda de referências internas ou externas levam o indivíduo a estados de dissociação, fragmentação e sentimentos de perda do controle da realidade. É a adrenalina que prevalece. É o mundo esquizofrenizante em que vivemos.

Evoluímos do homem mítico para o racional sem perder a herança do processo onto e filogenético. Isso talvez explique porque num mundo globalizado, racionalista, individualista e cientificista o homem diante do seu desalento procura acalanto nos búzios, florais, pirâmides ou mesmo no radicalismo mercantilista de certas seitas religiosas chegando ao fanatismo.

Kurz, R. (1997) comentando a *Dialética do Esclarecimento*, diz:

A modernidade esclarecida, como herdeira da história ocidental, é caracterizada segundo Adorno e Horkheimer por uma contradição insanável. De um lado, ela prometeu liberdade por intermédio da desmitologização, ou seja, a superação da própria dominação, que seria substituída, em nome dos direitos universais, pela razão discursiva do mercado. De outro, todavia, ela não só conservou o programa da dominação objetivante da natureza como também o agravou.

Almeida (1997) afirma que : “O conhecimento passa a ser medido por sua eficácia e a razão instrumentalizada torna-se o fundamento do poder. A dialética entre mito e razão se expande a todas as esferas da sociedade: “Do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o Esclarecimento, assim também o Esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo, na mitologia (Adorno e Horkheimer)” .

Adorno e Horkheimer neste trabalho (in Almeida) salientam que: “O aumento da produtividade econômica que, por um lado, produz as

condições para um mundo mais justo, confere, por outro lado, ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população”.

Do ponto de vista da Psicanálise, o conhecimento racional, as funções simbólicas sofisticadas da mente não eliminam o ser primitivo e irracional existente dentro de nós. O que se vivencia é a ampliação do narcisismo pela sedução contemporânea de “seja mais você mesmo”. Prevalece a cultura do corpo, fuma-se, bebe-se. Estimula-se, prioritariamente, o vazio interior.

Intensas e contínuas frustrações geram explosões auto e hetero-agressivas, aumentando a incidência de depressões, atos delinqüenciais, moléstias psicossomáticas, apatia ou indiferença diante dos questionamentos existenciais do cotidiano pós-moderno. O sentimento de impotência se exacerba e ampliam-se as frustrações pelas distâncias que se estabelecem entre ideal do ego insuflado pela cultura narcisista e as possibilidades de realização egóica.

Observa-se que a atividade de brincar, função estruturante na elaboração das fantasias, das atividades espontâneas, criativas e de descobrimento das potencialidades egóicas, está sujeita a fontes de pressões direcionadas pelos interesses da cultura consumista.

Na atualidade, a globalização associada aos poderes da mídia e econômicos exercem o maior controle, a maior escravidão praticada sobre a mente humana jamais conhecida. Junte-se a estes ingredientes as intensas e rápidas transformações tecnológicas e sociais e teremos como resultado a fragmentação da relação têmpera-espaçial, regressões a estados primordiais da mente (concretude do pensamento, cisões, negação da realidade, onipotência, busca da satisfação imediata dos desejos, baixa tolerância a frustrações). Estas condições psicológicas favorecem a passagem ao ato e contribuem para o aumento da violência, graças a uma sociedade insuficiente para dar conta de toda a excitabilidade e frustração que gera sobre seus integrantes.

Freud, em “El malestar en la cultura” (1930), salientou que o preço pago pela humanidade, o mal-estar, imposto a cada indivíduo, em nível de recalques, repressões e transformações de sua vida pulsional é, inevitavelmente, geradora de sofrimentos, através de frustrações, exigidos pela vida social, em qualquer cultura. Não há pedagogia, psicologia, filosofia, religião, nem psicanálise que conduza o homem à realização de seus desejos nirvânicos (onipotência, eternidade, imortalidade e

prazer), fantasias primitivas permanentemente presentes no inconsciente. Entretanto, há culturas que fomentam mais a expressividade de certos aspectos da vida pulsional do que outras.

Vivemos numa “sociedade carente de pai e mãe” (Levisky, 1997b). Neste artigo afirmo que: “violência não é uma questão apenas de segurança pública e de repressão. É um fenômeno que se ameniza através da educação e prevenção. São processos lentos, porém mais econômicos e eficientes em seus resultados. Somos *todos* agentes modificadores e receptores das ações construtivas e destrutivas reinantes em nossa sociedade. Quando a violência é banalizada ou não é identificada como sintoma da patologia social, corre-se o risco de transformá-la num valor cultural que pode ser assimilado pela criança e pelo jovem como forma de ser, um modo de auto-afirmação”.

Durante as transformações da adolescência os jovens buscam novos modelos para a formação de sua identidade adulta; período altamente vulnerável e suscetível às influências ambientais, construtivas e destrutivas. Muitos jovens liberam sua impulsividade e se envolvem diariamente em acidentes: abuso de drogas, no trânsito, nas farras, terminando muitas vezes em suicídio ou assassinato, como no caso do índio pataxó morto incendiado.

A mídia sensacionalista transformou este caso cruel em manchete, sem se deter na análise crítica das causas geradoras de tal violência. Considero inclusive a própria mídia sensacionalista, a sociedade que a sustenta e nós, em nosso conluio silencioso, co-responsáveis pelos atos desses jovens, transformados em consumo do prazer mórbido das massas.

Vivemos uma violência estrutural da sociedade, que desconsidera a criança, o pobre, o adolescente, o idoso e as minorias. Violências física e moral são praticadas dentro da própria casa, não raro cometidas por algum parente e acobertadas pela família. Nas instituições, escolas, nos hospitais observamos uma qualidade relacional impregnada de violências. É uma desconsideração pelo próximo, reveladora da desconsideração por si mesmo, pois amanhã podemos estar no lugar do outro. Esta qualidade de relação é reveladora de um desinvestimento inconsciente do objeto de amor ao qual se está vinculado, com perda do sentimento de solidariedade, transformando o outro num estranho ameaçador.

Os conceitos psicológicos de moral e democracia vêm do berço. Isto é, vêm da qualidade das primeiras relações afetivas entre o bebê e seus pais, associadas a condições dignas de vida. A qualidade dos vín-

culos iniciais é fundamental na formação das primeiras identidades e do superego. Mas, se a este processo afluem patologias que deturpam estas relações como estados de miséria, violência, perda de continuidade, transformações bruscas dos valores éticos e morais, o indivíduo organiza seu eu de forma insegura, carência do sentimento de confiança básica. A delinquência é, em muitos casos, o sintoma de resgate de algo que foi perdido na tenra infância (Levisky, 1997a; Winnicott, 1956). Um grito de socorro à sociedade como um último apelo antes da desagregação total. Mas, é preciso que haja uma sociedade que queira ouvir estes apelos e promover recursos para a reintegração interna e social dos indivíduos. Existem alguns, infelizmente, irrecuperáveis que necessitam ser retirados da sociedade. Outros necessitam responder por suas transgressões e muitos se cristalizam nos seus desvios por falta de oportunidades, e pelo desejo inconsciente que a sociedade tem, de que esses jovens problemáticos morram. É uma forma de se livrar dos problemas, da culpa e da reelaboração existencial.

As perturbações patogênicas dos vínculos iniciais comprometem a capacidade de integração das partes distintas e paradoxais do self, do ego e a conseqüente organização do superego protetor e sintônico ao conjunto da personalidade. Podem surgir patologias do espaço, do objeto e dos fenômenos transicionais (Winnicott, 1975) distorcendo a formação do mundo simbólico, do espaço do jogo e da experiência cultural. Conceitos tais como moral, ética, democracia e delinquência estão intimamente vinculados à qualidade dos primeiros vínculos afetivos (Levisky, 1997c).

No período da adolescência o jovem vive o conflito entre a reativação destes processos primitivos e as aquisições mais evoluídas da organização egóica. As falhas precoces que por ventura existam na estruturação da personalidade, do sentimento de SER, de integridade e coesão do self emergem neste período. Estas favorecem sentimentos de fragilidade, aumentando a sugestibilidade, dentro de período no qual buscam novos modelos identificatórios. Este período é crítico e susceptível à incorporação de identidades negativas, tornando-se grande o risco de incorporarem figuras negativas. São figuras identificadas com a violência e a marginalidade. Corre-se o risco do recrudescimento de movimentos radicais como o neonazismo, racismo, outras formas de fanatismo, grupos de extermínio, torcidas uniformizadas de futebol que espalham o terror, acobertados pela psicologia das massas, em que cada um realiza seu ideal primitivo e narcísico no anonimato da multidão (Freud, 1921).

Numa das raras entrevistas concedidas por Freud à imprensa, ele responde às indagações da jornalista Zsofia Denes, realizada em 1918, em Budapeste, na qual ela indaga: “O senhor já perguntou a si mesmo se a difusão da psicanálise — com a influência educadora que ela pode ter no ser humano, levando-o tomar consciência de seus impulsos, permitindo-lhe assim dominá-los — o senhor já imaginou se isso permitiria, um dia, que se evitem as guerras?”.

Os finos traços do rosto de Sigmund Freud ficaram mais tensos... e ele respondeu:

“Veja, a teoria psicanalítica é de tal forma a ciência de indivíduos de exceção, ciência do ‘pequeno número’, da elite intelectual, que a sua vulgarização talvez não seja necessária. Um dia, sua influência sobre as instituições poderá ser significativa. Mas esta é uma questão de tempo, de muito tempo...”

Somente então, depois de um prazo difícil de calcular, quando a psicanálise tiver educado a humanidade à sua maneira, tornando possível à grande massa o controle de seus impulsos mais primitivos, talvez então... quem sabe se (tenha) encontrado um meio de impedir as guerras?”.

Se pudermos trabalhar nesta direção, com os meios de comunicação de que dispomos, inclusive a TV comercial e videogames, quero acreditar ser possível, não uma transformação da natureza humana, mas uma consciência e responsabilidade maiores de cada um. Talvez, assim, ressurgja na humanidade a esperança e a solidariedade entre os homens, e, se isso não for possível, quem sabe, se atenuar a violência. E os valores éticos nas famílias, entre as pessoas e as nações sejam resgatados, aliviando o sofrimento humano, uma vez que impedi-lo é impossível por ser inerente à civilização.

Mobilizado por estas idéias, nos sentimos estimulados a dar continuidade a este projeto de sensibilização, análise, discussão e proposição de medidas que possibilitem melhor compreensão dos fenômenos geradores de violência contra os adolescentes e aquelas por eles praticadas. Realizamos, em 1996, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, o II Encontro Adolescência e Violência: Consequências da Realidade Brasileira.

Enfocamos, não a violência salutar do adolescente, revelada pela rebeldia inovadora e criativa, mas aquela cujos limites muitas vezes se confundem com uma violência desagregadora, grito de socorro, fruto do desamparo ou mesmo uma forma de auto-afirmação proposta pela cultura vigente.

Ênfase maior foi dada à adolescência por ser esta uma fase da vida altamente influenciável, possuidora de inestimável potencial, porém menos cuidada pela sociedade, fato que já representa uma violência. Esperamos que as idéias aqui registradas estimulem a reflexão e o encontro de novos caminhos diante de algumas questões: Qual será o futuro psíquico de crianças e adolescentes submetidos a esta estimulação maciça e precoce? Quais os benefícios e prejuízos para as mentes em desenvolvimento quando uma sociedade satura a cultura, através de meios globalizantes de comunicação de massa e movidas por forças que transformam a arte, a religião, o corpo, os sentimentos, a vida e a morte em material de consumo?

Este livro reproduz a maioria das palestras apresentadas, revisadas e complementadas pelos seus autores.

Os temas foram selecionados por sua importância social e premência dentro do espaço e tempo de que dispúnhamos. Drogas e AIDS, problemas gravíssimos entre os jovens, não foram aqui incluídos, pois estão sendo tratados de forma específica por outros setores da comunidade.

A seqüência dos artigos obedece a mesma disposição daquela utilizada no II Encontro. Parte de questões macrosociais para, progressivamente, entrar na análise psicanalítica de temas específicos.

Maria Ignês Bierrenbach, com sua experiência junto ao Núcleo de Estudos da Violência da USP e como presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, analisa as mudanças políticas e sociais decorrentes do resgate da democracia, com ênfase na cidadania. Indaga sobre o futuro de nossa sociedade quando temos milhares de “jovens descartáveis, sendo assassinados dentro dos presídios e depositados nas instituições de internação”... enquanto “temos jovens criados em condomínios fechados, distanciados dos problemas reais e cotidianos, adeptos do consumismo e cognominados “geração shopping center”. Oferece-nos dados estarrecedores que compõem o que se configura como “cultura da violência”. “Em 1994 morreram 113 mil crianças e jovens (IBGE) entre zero e 14 anos, dos quais 7,2% de causas violentas, acidentes, atropelamentos e homicídios.”

Realça em seu trabalho que “a Constituição Federal, através do artigo 227, estabelece que a criança e o adolescente são absoluta prioridade nacional e responsabilidade da família, sociedade e Estado. Cria-

se em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente, representando inestimáveis conquistas legais e institucionais”. Porém, sente-se no cotidiano a imensa discrepância entre os projetos e a realidade, com falta de recursos humanos e materiais para sua implementação.

Luis Cláudio Figueiredo, professor de psicologia da USP e da PUC-SP, é autor de vários ensaios, entre eles “Modos de Subjetivação no Brasil” (Escuta/Educ. 1995). Analisa aspectos da *Identidade Brasileira* diante da questão: “Violência, sociedade e família: qual o lugar do adolescente?”. Ajuda-nos a compreender as contradições e ambigüidades existentes em nossa cultura ao caracterizar os diferentes tipos de violência. Realça a hipocrisia e a ironia existentes nas relações entre o legal, o “legal” e o legítimo. Sua habilidade discursiva e precisão conceitual abrem o pensamento para as reflexões entre o que chama de violência instrumental, paradoxal e o “estado” ou “condição” de violência. Difere a “*violência estruturante e constitutiva das subjetividades*” daquelas oriundas das “ambivalências e ambigüidades no domínio da ética”. Apoiado em Winnicott, utiliza-se de conceitos psicanalíticos para discriminar aspectos do *verdadeiro e falso selves* que constituem nossas relações sociais.

Luis Cláudio sugere que na cultura brasileira é forte a arte da conciliação individual e grupal. Assim se expressa: “Uma solução cômoda para esta necessidade de conciliar é a de conceder o máximo de autonomia às práticas e aos discursos. Quanto mais distantes ficarem um do outro, menos oportunidades haverá de conflito. O velho ditado “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” mereceria estar escrito na bandeira nacional, em vez de “ordem e progresso”, lema transplantado do movimento positivista, e por sinal muito pouco afinado à nossa realidade”.

Ao emitir o conceito de *impropriedade constitutiva* — dissociação entre as práticas e os discursos — sugere “que se pense no adolescente como uma espécie de termômetro da impropriedade” num alerta em relação ao que estamos fazendo conosco e com as gerações futuras.

Nos dois capítulos seguintes, discutem-se os caminhos percorridos pela agressividade, capaz de gerar violência contra o corpo e a mente, mobilizados por forças pulsionais. A agressividade não encontrando o recalque ou as vias da expressão simbólica atinge o próprio indivíduo ou é descarregada diretamente contra o mundo exterior.

Wagner Ranna, pediatra e docente de psicossomática, antes de apresentar casos de sua experiência clínica com adolescentes faz uma

pequena revisão bibliográfica das principais correntes psicanalíticas que servem de subsídio à sua apreensão da relação corpo ↔ mente. Descrevem casos de violência explícita e outras formas subjetivas, até chegar à “violência mais sutil, onde incluímos a violência pulsional, expressa através de distúrbios psicossomáticos ou outros transtornos mentais”.

Ranna alerta sobre a violência da medicina e dos médicos ao se restringirem a um modelo biomédico, supervalorizando os benefícios da tecnologia moderna em detrimento das questões que envolvem o relacional, a qualidade vincular. Esta mentalidade “afasta a medicina desse campo de compreensão da violência contra e praticada pelos adolescentes”. Aborda com precisão o conceito de fenômeno psicossomático:

“... O fenômeno psicossomático seria uma disfunção do corpo biológico em consequência de uma falha na organização pulsional, da ordem da falha na inscrição representativa... coloca-se no limite do impensável, exatamente no limite do mental com o somático, lá onde o instinto se transforma em pulsão”. Salienta a vulnerabilidade do adolescente para somatizações graças à “sensibilidade, dependência e falta de recursos mentais para absorver e representar a violência instintiva ou ambiental”.

José Ottoni Outeiral, psiquiatra infantil e psicanalista, profundo conhecedor e difusor do pensamento winnicottiano no Brasil, oferece sua longa experiência de trabalho com crianças e adolescentes. Aborda a questão da “violência no corpo e na mente” por um vértice diferente e complementar ao artigo de Ranna. Outeiral discorre sobre a tendência anti-social entre os “adolescentes excluídos”. Põe em evidência questões ligadas à formação do falso self, à noção de trauma cumulativo e aquelas relativas às patologias do espaço transicional. Salienta como essas patologias comprometem a capacidade de simbolização. Evidencia o risco maior de os indivíduos negligenciados e abusados em sua infância repetirem com seus filhos estes modelos relacionais, através da transmissão transgeracional.

Ao aceitarmos o pensamento de Winnicott, de que a cultura se estabelece neste espaço mental virtual, podemos entender que tais patologias geram prejuízos que afetam a formação da identidade dos jovens e o próprio desenvolvimento da cultura.

Outra questão fundamental que envolve o adolescente nos caminhos da violência diz respeito à sexualidade. O complexo processo de redefinição das identidades anatômicas e de gênero sofre transforma-

ções na busca de novos objetos de investimento amoroso. Os jovens passam por um processo de perda da própria imagem e corpo infantis e da relação com os pais da infância. Reestruturam seus aspectos narcísicos e a organização egóica, efetivando a ruptura entre partes discriminadas e não discriminadas de sua personalidade.

Na realização deste trabalho angustiante e apaixonado, oscilante entre excitações, desafios e depressões, experienciam seu corpo, reelaboram fantasias homo e heterossexuais, e vão descobrindo seus espaços na sociedade. Necessitam se experimentar em sua alma, em seu corpo, em sua sexualidade. “Ficar”, “transar”. Pouco a pouco vão nomeando seus sentimentos: amizade, namorada, levar um papo. Numa sociedade com limites pouco nítidos abusa e é abusado sexualmente. Sofre pressões do grupo, da mídia apeladora e da sociedade conivente em seu silêncio. A prostituição infanto-juvenil está às soltas, acobertada até mesmo pelas próprias famílias e pela sociedade.

Há uma grande confusão, esperada entre os adolescentes e fomentada pela cultura, entre a liberdade de experimentar, de se descobrir, de buscar o prazer, fazendo-o de forma dissociada das repercussões afetivas, sentimentais e do reconhecimento dos próprios limites. Outeiral aponta entre os jovens a “utilização da promiscuidade sexual para criar um sentido de pertencer ao grupo”.

Roberto Graña, psicanalista, autor de vários livros, entre eles *Além do desvio sexual* (Artes Médicas, 1996), discute a questão adolescência e sexualidade. Analisa um caso clínico de travestismo. Através dessa experiência, expõe sua indignação ante a violência sexual praticada contra menores. Graña desenvolve um tema que considera ser “raramente objeto de denúncia”: os distúrbios de identidade de gênero na infância e na adolescência, suas condições histórico-evolutivas, as violências contidas nesse processo e o “dilema ético-clínico” do psicanalista diante dessa situação.

Roberto apóia-se nos conceitos de Piera Aulagnier sobre “violência primária” necessária e humanizante, estruturante do aparelho psíquico, e violência secundária, representada pelos excessos “quase sempre nocivos ao funcionamento do eu”. Finaliza seu trabalho de forma contundente, instigando o leitor a se posicionar ou ao menos a se angustiar com as dificuldades impostas pelas questões: “O que curar?, Quem curar? O que é curar?”, lembrando que muitas intervenções adotadas pela própria justiça “se assemelham, ao menos em parte, aos ritos de barbárie que

ela visa suprimir”. Graña sugere questões de natureza ética, da ordem da normatividade e sua relação com autonomia individual.

Faço um parêntese aqui para introduzir parte dos comentários ao trabalho acima, feitos por Renato Mezan, durante o II Encontro Adolescência e Violência: Consequências da Realidade Brasileira. Mezan, filósofo e psicanalista de renome internacional, amigo, companheiro e colaborador nestas jornadas, autor de inúmeros livros, dentre eles *Freud, Pensador da Cultura*, sinaliza o lugar e a importância do amor na relação analítica. Refere-se às características da relação analista-analisando, que em nome do amor pode romper limites do campo de trabalho e se transformar na destruição do mesmo, o que é uma forma de violência: “Ele (o amor) é uma condição para o investimento libidinal da escuta, investimento sem o qual não se sustenta, justamente, o interesse pelo paciente e pelo que ele diz. Mas esse elemento amoroso precisa permanecer circunscrito e como que latente, caso contrário ele entra num registro em que se torna obstáculo, em vez de condição, para o exercício da função terapêutica”.

Renato tece comentários pondo em evidência o caráter contraditório da questão *normatividade* existente no artigo de Graña. Justifica-se dizendo que há por um lado “uma exigência cultural que possibilita identificações estáveis; por outro, possibilidade de coerção num gradiente que vai da sutileza até a barbárie mais explícita”. Deduz “que a coerção é como que *desejada* pelos adolescentes, ao menos numa certa intensidade — suficiente para impedir o desregramento, mas não tão implacável a ponto de se tornar mutiladora. Este elemento está relacionado à função educadora da frustração, dimensão que parece se opor à idéia de felicidade como estado de gozo sem conflitos”.

Prosegue abordando a questão da autonomia, “que é a questão ética por excelência. Uma das representações usuais da Psicanálise, a meu ver bastante justificada, a vê como processo que visa conduzir o paciente de uma situação mais dominada pela heteronomia — isto é, na qual o indivíduo é governado por princípios e imposições em grande parte não determinados por ele mesmo, quase à sua revelia — por uma outra, em que a parcela de autonomia seja mais significativa. *Autonomia* pode ser aqui entendida de muitas maneiras, segundo as diversas correntes que compõem o campo psicanalítico na atualidade: desde o “controle maior do ego sobre as pulsões” até “não ceder no seu desejo”, passando pela “diminuição das ansiedades persecutórias” e por outras mais.

Talvez esta seja uma maneira mais rebuscada de dizer que a análise pode e deve conduzir a pessoa que a ela se submete a alguma medida de liberdade interior. Acredito que, com esta formulação, muitos de nós estaríamos de acordo. A passagem da heteronomia para a autonomia não se dá pela via da análise, mas por uma *internalização crítica da norma cultural*. Há um discurso cultural acrítico, que prega a autonomia como espontaneidade: “Seja mais você mesmo”, etc. Ora, isso frequentemente implica a adoção de identificações modeladas pela publicidade, pelo mercado, ou mesmo por aquilo que foi chamado de ‘o dever da felicidade’... Ou seja, aquilo que tomado abstratamente pareceria ser uma conquista libertária se transforma em nova norma, mais tirânica e mais humilhante até do que a antiga”.

Outra área na qual a relação adolescência / violência tem-se manifestado de forma constrangedora, necessitando pronto cuidado, são as instituições que ao abrigarem menores vêm substituir o fracasso familiar. Creches, casas de recuperação para menores abandonados, violentados pela família, infratores ou não, merecem de Isabel Kahn Marin e Gita Wladimirski Goldenberg amplas considerações do papel psicológico destas instituições na formação e desenvolvimento psíquico destes jovens à luz da psicanálise.

Isabel, com ampla experiência junto a instituições que abrigam menores, e no desempenho da função de supervisora nas áreas clínica e institucional da PUC-SP, discute “como as instituições que atendem adolescentes em situação de risco social estão mais a serviço de tentar excluir e negar a violência produzida pela sociedade do que oferecer um espaço referencial e organizador para esse jovem que busca encontrar, no social, formas de satisfação que lhes foram prometidas. Comenta as discrepâncias existentes entre as proposições do Estatuto da Criança e da Adolescência e a realidade institucional em nosso meio.

Gita Goldenberg apresenta no artigo intitulado “O pai simbólico está ausente na criança e no adolescente infratores” a necessidade da busca desta figura fundamental (pai) para a estruturação psíquica e social. Levanta a hipótese de como estes jovens buscam através do ato delinqüencial a presença da lei, do mestre, do professor, do guia espiritual. Procuram na instituição, no juiz, na enfermeira figuras representativas das funções paterna e materna que possibilitam organizar o mundo interior contra o caos. Pode-se dizer que a lei representa a função paterna, através do superego protetor, e a instituição a função materna, a continência.

Gita reflete que: “A criança ou o adolescente transfere maciçamente para o juiz a esperança de ter o pai que não teve... O juiz representa na sociedade uma instituição poderosa e, de certa maneira, onipotente, da qual estas crianças precisam, pois é imprescindível que elas percebam que há pessoas mais fortes do que elas, que possam limitar os seus impulsos”. Oferece-nos exemplos clínicos, tornando vivo o conteúdo de suas idéias.

Artigo objetivo, lúcido, esclarecedor e profundo é o que nos oferece Maria Cristina Kupfer, psicanalista, com profunda experiência na área educacional. Distingue a “Violência da educação”, necessária e estruturante, da “Violência na educação”, desorganizadora. Situa como “a Psicanálise pode nos ajudar a fazer leituras do campo social”... “por ser uma teoria sobre a constituição do sujeito na relação com o Outro”. Através da vida relacional o simbólico se inscreve no processo de desenvolvimento mental e, com ele, a lei social. “... trata-se da imposição do simbólico, da linguagem sobre o corpo”, na sua forma poética de manifestar a dinâmica do inconsciente, constituindo o que chama de “violência simbólica”. Discorre sobre o papel psicológico do professor e sua falência institucional, como figura a ser incorporada como parte do processo identificatório de crianças e adolescentes.

Maria Cristina entende a ação violenta dos jovens como uma “busca desesperada de restituição, de reencontro, com uma ordem... como um sinal de vigorosa grita contra a degeneração, muito embora, ao gritar dessa maneira, acabem mesmo por produzir um caos ainda maior”. Traz uma palavra de esclarecimento que incentiva o resgate de uma autoridade simbólica estruturante e continente, o professor.

Prof. Flávio Vespasiano Di Giorgi, com seus mais de 40 anos de prática apaixonada pelo ensino, pode ser considerado de fato um professor. Além de ter prazer em transmitir seus conhecimentos, representa o conteúdo simbólico, o tesouro ético que nossos jovens necessitam incorporar. A este significante dado ao professor, Maria Cristina chama de “patrimônio da humanidade”, elemento estimulador recíproco dessa relação vincular fundamental entre alunos e mestres. Prof. Flávio tem incorporado esta função que transparece ao caracterizar aspectos da violência estrutural e funcional do sistema educacional brasileiro. Ressalta as injustiças sociais, a má distribuição de renda, o elevado índice de analfabetismo, as manipulações políticas distantes dos reais interesses educacionais, agravados pela banalização dos valores éticos e negação da igualdade direitos, em que, não raro as vítimas são culpabilizadas.

Di Giorgi aborda a violência intra-escolar revelando uma forma mais sutil de violência, a do “preconceito de classe, o preconceito contra os pobres, os excluídos, os destituídos”. Mostra-nos como o sistema educacional atual é “congenitamente gerador de obstáculos à realização de seus objetivos” e denuncia, com a coragem que lhe é peculiar, que “não dá mais para ocultar a ligação entre o discurso científico sobre o fracasso escolar e as práticas que criam esse mesmo fracasso”.

No capítulo seguinte abordo o tema “A mídia: interferências na formação do aparelho psíquico”. Saliento aspectos formadores e deformadores da atividade psíquica de crianças e adolescentes à luz das teorias psicanalíticas e das características da cultura vigente. É degradante a qualidade de muitos programas televisivos. Aos ignorantes se perdoa, mas a desfaçatez daqueles que produzem, veiculam e assistem a programas que induzem crianças e adolescentes a se desrespeitarem vulgarizando o corpo, a dignidade humana, é revoltante. Estão preocupados apenas em disputar maior audiência, sem quaisquer preocupações com a ética, com a função educativa e poderosa desta força de comunicação, induzindo na formação de mentalidades, de comportamentos e de consumo, principalmente.

Convidamos profissionais da área de marketing e jornalistas que trabalham em TVs comerciais para trazerem seus depoimentos neste livro sobre o que pensam a respeito de certos programas e propagandas quanto ao seu impacto psicossocial em nível educacional e ético. Compreensivelmente, justificaram a impossibilidade de escrever o que pensam, com risco de perderem o emprego e de colocarem suas famílias em dificuldades.

Fernanda Colonnese, psicanalista com funções junto à TV Cultura de São Paulo, nos retrata sua experiência neste setor. São dados alarmantes, por exemplo, o número de horas que uma criança brasileira fica diante de um aparelho de TV e o número de cenas de violência e sexo que são transmitidas por dia.

Colonnese enfatiza que “a TV faz um recorte do real de tipo sensacionalista e o mais impactante é o que merece destaque, em seqüência ininterrupta — tudo para agarrar o telespectador, sem discriminação de idade, grupo social ou cultural. O essencial é impedi-lo de ‘clicar’, de mudar de canal. Se o telespectador for colocado em estado de atenção e mantido em tensão e suspense, sem tempo para pensar, então o resultado perseguido pelos programadores é conseguido com grande eficiência. É

uma deturpação do real e criação de uma realidade pela seleção que é feita pela equipe de produção e de edição, especialmente nesses programas dedicados às desgraças e catástrofes do dia. Quanto mais as notícias forem terríveis, mais ‘seguram’ o telespectador. Quanto mais ‘show de horror’, mais adrenalina, maior a adição de audiência ao programa”.

Para finalizar, Ruth Blay Levisky salienta neste trabalho a importância dos aspectos transgeracionais que participam do processo de identificação. Põe em evidência a importância da família, das raízes na organização do presente e planejamento do futuro, condições que estruturam o sentimento de esperança. Conclui que: “o homem ao longo da vida tem, dentro de si, várias famílias: a da sua infância, a da adolescência, a do casamento e a de seus filhos e netos”. Descreve sua experiência ao coordenar um grupo de reflexão, composto por mais de 30 jovens provenientes de todas as classes sociais, inclusive da FEBEM, que juntamente com uma platéia de aproximadamente 400 pessoas, incluindo os relatores e coordenadores das mesas de trabalho, debateram sobre: “O que a sociedade espera dos jovens — o que os jovens esperam da sociedade”. Com sensibilidade e fidelidade, Ruth nos relata essa experiência emocionante e vibrante. Lição de vida para todos nós.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A., Knobel, M. *La adolescencia normal*. Buenos Aires. Paidós.1971.
- ALMEIDA, J. “Razão desencantada”. *Jornal Folha de S. Paulo*. Caderno Mais. 24/8/97.
- ADORNO, Horkheimer (1947) “Dialética do Esclarecimento”. In *Jornal Folha de S. Paulo*. Caderno Mais. 24/8/97.
“Degradação na TV”. Editorial. *Jornal Folha de S. Paulo*. p. 2. 29/10/97.
- DENEZ, Z. (1918) “A Psicanálise é uma Ciência de Poucos”. *Jornal Folha de S. Paulo*. Caderno Mais. p. 5. 31/1/93. Tradução Paulo César de Souza.
- FREUD, S. (1921) “Psicologia de las masas y analisis del yo”. *Obras Completas*. Madri. Biblioteca Nueva.1973.
____ (1930) “El malestar en la cultura”. *Obras Completas*. Madri. Biblioteca Nueva.1973.
- HABSBAWN “Habsbawn Fala de seu Breve Século”. *Jornal Folha de S. Paulo*. Caderno Ilustrada. p. 4. 14/8/95.
- KURZ, R. “Até a Última Gota”. *Jornal Folha de S. Paulo*. Caderno Mais. p.5. 24/8/97.
- LEVISKY, D. L. *Adolescência Reflexões Psicanalíticas*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1995.
____ *Adolescência e Violência: Conseqüências da Realidade Brasileira*. Porto Alegre. Artes Médicas.1977a.
____ “Sociedade Carente de Pai e Mãe”. *Jornal Folha de S. Paulo*. Caderno São Paulo. p. 2. 13/5/97b.
____ Moral, Superego, Delinqüência e Democracia.Trabalho apresentado durante o 40º Congresso Internacional de Psicanálise da Associação Psicanalítica Internacional. Barcelona. julho/agosto 1997c.(a ser publicado na revista *Alter*).
- OGDEN, T. El sujeto dialeticamente constituido/descentrado del psicoanalysis. In *Libro anual de Psicoanalysis* (El sujeto freudiano y las contribuciones de Klein y Winnicott), 1992.
- ROUANET, S. “Mal-estar na Modernidade”. In *Rev. Bras. Psican.* 31: 43,1997.

WINNICOTT, D. W. (1956) “A Tendência Anti-Social”. In *Tudo Começa em Casa*. São Paulo. Martins Fontes.1989.

_____. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1975.